

Extended Essay em Portuguese A: Language and Literature

Categoria 1

A jornada do herói clássica em mitos indígenas  
brasileiros

**De que forma os mitos indígenas brasileiros *Por Que o Sol  
Anda Tão Devagar?* e *O Roubo do Fogo* podem ser  
analisados sob a ótica da teoria do monomito?**

MICAELA MARTINUSSI HAAS

## Resumo

Esta monografia tem como objetivo identificar cada etapa do arquétipo do monomito, apresentado por Joseph Campbell, nos mitos indígenas brasileiros *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* e *O Roubo do Fogo*. Para tanto, a jornada dos heróis Cananxiuê e Nhanderequeí serão analisadas, juntamente com uma comparação entre a construção de cada aventura, utilizando trechos das narrativas para comprovar e desenvolver os argumentos. As implicações da presença do monomito nessas histórias também será trazida.

Palavras chave: Monomito, Jornada do Herói, Literatura Indígena, Mitologia Karajá, Mitologia Guarani.

## Sumário

I	Introdução .....	3
I.1	Conceito de Monomito e Introdução à Pesquisa .....	3
I.2	Contextualização da Cultura Indígena Brasileira .....	5
I.3	Introdução aos Mitos.....	6
II	Por Que o Sol Anda Tão Devagar? .....	7
II.1	Contextualização .....	7
II. 2	Aplicação da Jornada do Herói no Mito .....	7
III	O Roubo do Fogo .....	11
III.1	Contextualização .....	11
III.2	Aplicação da Jornada do Herói no Mito .....	12
IV	Conclusão e considerações finais.....	15
V	Referências bibliográficas .....	17
VI	Apêndice.....	19

## I Introdução

### I.1 Conceito de Monomito e Introdução à Pesquisa

O monomito, também denominado jornada do herói, é a teoria de que há um arquétipo da estrutura dos mitos e histórias que envolvem um herói. O herói é uma pessoa que se transforma ao longo da narrativa, partindo em uma aventura, aprendendo uma lição, triunfando a partir desse conhecimento e retornando ao seu ordinário (Campbell, 12). Arquétipo é a ideia inconsciente coletiva, comum à psique humana, que não se difunde necessariamente através da linguagem e tradição, mas surge espontaneamente (Jung, 15-18). Portanto, monomito é o modelo da literatura com heróis presente em todas as culturas, e que, apesar de suas variações, carregam metáforas operativas morais que dão sentido ao curso de vida de cada indivíduo leitor (Andrade).

Um dos maiores estudiosos da jornada do herói foi o mitologista, autor e professor Joseph Campbell. Seu livro *O Herói de Mil Faces* é um trabalho de mitologia comparada que delinea os 17 passos arquetípicos da aventura do herói, utilizando exemplos clássicos, como as jornadas de Buda, Odisseu e outros protagonistas mitológicos, para ilustrar cada um deles. Segundo Campbell, a aventura do herói pode ser resumida em três etapas essenciais: a partida, a iniciação e o retorno. A imagem 1 ilustra o ciclo da aventura do herói.



**Imagem 1.** Diagrama sobre os 17 passos do ciclo da aventura do herói de acordo com Joseph Campbell.

Durante a leitura de *O Herói de Mil Faces*, me recordei dos mitos indígenas brasileiros, pouco valorizados no Brasil. A desvalorização da literatura indígena é uma consequência histórica do eurocentrismo e da exploração das comunidades indígenas brasileiras desde a colonização (Santos). Isso posto, decidi utilizar as etapas da teoria do monomito de Campbell para analisar os mitos de povos nativos do Brasil.

Por meio desta análise, o arquétipo do monomito será identificado nos contos *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* e *O Roubo do Fogo*. Esta pesquisa tem como objetivos demonstrar cada um dos passos da aventura do herói nesses mitos, observando o percurso dos personagens principais Cananxiuê e Nhanderequeí, além de traçar semelhanças e diferenças na construção de suas jornadas, utilizando trechos das narrativas para comprovar e desenvolver a tese. Adicionalmente, serão apontados os fatores específicos e diferenças entre as etnias que se fazem explícitos.

A pergunta “De que forma os mitos indígenas brasileiros *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* e *O Roubo do Fogo* podem ser analisados sob a teoria do monomito?” tem alto valor, pois os mitos das populações originárias do Brasil fazem parte do patrimônio histórico e da formação multicultural brasileira. Ademais, as mitologias indígenas portam uma filosofia nativa característica e abrem caminho para que leitores não-indígenas se abram à pluralidade cultural (Santos). Adicionalmente, a aventura do herói desempenha um papel especialmente importante para fazer com que o leitor se envolva com a história de maneira pessoal, projetando sua vida ou seu contexto mediato na narrativa, podendo aprender com o triunfo do herói e aplicar o conhecimento “fictício” à realidade (Andrade). Por último, por meio do estudo do monomito, pode-se compreender tradições e extrair conhecimento acerca da humanidade em geral, ao apreciar que todas as etnias, apesar de suas diferenças, têm traços comuns em suas histórias ficcionais, evidenciando que todas têm a mesma essência.

## **I.2 Contextualização da Cultura Indígena Brasileira**

As diversas etnias indígenas presentes no território brasileiro pré-colonial<sup>1</sup> contavam com estimadamente três milhões de indivíduos (“Quem São”) que possuíam seus próprios mitos tradicionais, transmitidos e mantidos pela tradição oral ao longo das gerações (Globo). Os registros escritos desses mitos foram feitos apenas após a chegada dos colonizadores europeus, que difundiram a escrita pelo Brasil.

Os mitos indígenas têm várias funções. Uma delas é a educação, sendo

---

<sup>1</sup> De acordo com a Funai, hoje em dia, registra-se 305 etnias indígenas no Brasil (*Brasil Registra 274 Línguas Indígenas Diferentes Faladas Por 305 Etnias*), porém é importante considerar que haviam muitas mais antes da colonização, que sofreram genocídio ou foram forçadas a deixar seu território original e se dispersaram.

contados desde a infância para que as crianças aprendam e respeitem a cultura de seu povo. Através da pedagogia das lições de moral, também podem guiar indivíduos em suas próprias jornadas na vida (Andrade). Outras funções incluem lazer e socialização, pois a narração de histórias ocorre pela transmissão de uma pessoa para outra, trazendo um senso de coletividade e troca de conhecimentos (Gomes). Logo, os mitos também são uma forma de resistência cultural do povo que os produziu, retratando suas crenças e costumes.

### **I.3 Introdução aos Mitos**

Os mitos *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* e *O Roubo do Fogo* foram selecionados do livro *Contos Indígenas Brasileiros*, do autor, professor e ativista indígena brasileiro Daniel Munduruku. Suas obras seguem a temática da cultura indígena, sendo direcionadas ao público infanto-juvenil. Publicado em 2004, *Contos Indígenas Brasileiros* é uma coletânea de oito contos dos povos Guarani, Karajá, Tukano, entre outras.

É relevante destacar a diferença entre contos e mitos. Contos são narrativas curtas com um início, desenvolvimento e fim (Sartel), enquanto mitos são histórias tradicionais que explicam o início de uma prática cultural ou fenômeno da natureza (Cambridge Dictionary). Sendo assim, os contos selecionados também são mitos, pois tratam da origem de fatores importantes no dia a dia de suas respectivas sociedades (Meletínski). Nota-se que a linguagem utilizada é relativamente coloquial, sem estruturas ou palavras rebuscadas. Isso porque foram histórias escritas com base na oralidade, portanto modificações fariam com que elas perdessem sua expressão original. Ambos contos completos estão presentes no Apêndice.

## **II Por Que o Sol Anda Tão Devagar?**

### **II.1 Contextualização**

*Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* é um mito do povo Karajá, que atualmente conta com uma população de 2.500 pessoas. As aldeias Karajá se localizam próximas aos lagos e afluentes dos rios Araguaia e Javaés, assim como na Ilha do Bananal, nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. O rio Araguaia é sua maior referência mitológica e social (“Karajá”). Normalmente, seus mitos tratam da origem de aspectos importantes de seu cotidiano, como o próprio povo, o sol, a lua, etc., e também tratam dos rituais e temas sociais, como o papel dos gêneros, relações familiares, xamanismo, poder político, morte e contato com os brancos (“Karajá”).

O conto *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* trata do herói Cananxiuê, já conhecido pelos Karajá de outras aventuras. Ele é incitado pelo povo a trazer-lhes luz, no tempo em que a escuridão era constante, visto que o Sol, a Lua e as estrelas eram resguardados pelo urubu-rei, Ranranresá. O herói parte em sua jornada para enganar o urubu-rei e pedir-lhe que libere os corpos celestiais guardados, e com sucesso tira seu povo da escuridão da noite. O mito tem função explicativa dentro os Karajá, pois busca explicar a duração diária do sol e seu eventual desaparecimento – que é a noite. As lições morais produzidas são de manter promessas, vencer a preguiça e apreciar a harmonia do ciclo solar.

### **II. 2 Aplicação da Jornada do Herói no Mito**

Primeiramente, ressalta-se que este conto parte de um questionamento sobre o funcionamento da natureza feito no título. A primeira frase “Contam os velhos sábios Karajá [...]” demonstra o respeito que os indígenas têm em relação aos

anciões do grupo, referindo-se a eles como “sábios”. Esta frase também apresenta quem contou a história ao narrador, dando indícios da tradição oral praticada pela comunidade.

No primeiro parágrafo, é descrito o mundo ordinário, onde os Karajá vivem na escuridão. Neste contexto, o herói ficava na rede todo dia, sem fazer nada. Além disso, há passagens como “Cananxiuê, morava na casa do pai de sua esposa, como é o costume desse povo” (par. 2) e “Cananxiuê parece mulher. Fica o dia todo deitado na rede sem nada fazer. Vai buscar a luz para nós, homem” (par. 10), que servem para educar sobre, respectivamente, tradições familiares e papéis de gênero na sociedade Karajá.

Iniciando-se a análise do arquétipo mitológico, o primeiro passo - o **chamado da aventura** – se faz presente na fala do sogro de Cananxiuê no parágrafo 3. O sogro lhe lembra da obrigação que tem como herói de resolver problemas, incitando que saia do seu ordinário para uma jornada buscando a luz. Há outros chamados para a aventura, como de sua esposa, no parágrafo 12.

O segundo passo, **a recusa do chamado**, se dá no parágrafo 5, em “Mas o herói não queria nem saber de levantar-se de sua rede”. Esta frase explicita a preguiça de Cananxiuê, demonstrando sua rejeição do chamado para a aventura pela inércia no mundo ordinário.

A **passagem pelo primeiro limiar** pode-se dar em dois momentos. Por um lado, esta etapa aparece antes do auxílio sobrenatural, quando Cananxiuê decide sair “à procura da luz do sol” (par. 13). Este momento de decisão simboliza a passagem para a etapa da Iniciação, pois o herói finalmente determina que entrará em ação. Sob outra perspectiva, a travessia também pode-se dar após o herói sair (portanto, seguindo a ordem das etapas do monomito), quando seu primeiro

obstáculo aparece, no parágrafo 22 - não encontrar a informação de onde estavam o sol, a lua e as estrelas.

Sobre o **auxílio sobrenatural**, também há duas passagens que podem representar este passo. Uma delas é concreta, quando uma pessoa muda o rumo de Cananxiuê por informar-lhe onde estão os corpos celestiais que ele procura e quem os guarda, no parágrafo 22. O outro momento é mais abstrato, pois não há um mentor concreto que auxilia o herói. Porém, o fato dele estar com raiva e buscar se isolar, como consta em “Como [Cananxiuê] estava irritado, decidiu que iria sozinho e nada levaria consigo” (par. 13), o inspirou a criar um plano que seria realmente efetivo. Assim, pode-se considerar que a ajuda sobrenatural é a própria irritação de Cananxiuê, que indiretamente o levou à vitória. A passagem “Se não posso flechar o sol, laçar a lua, amarrar as estrelas, para que usar armas? A minha arma tem que ser a esperteza” (par. 21) revela sua ideia para a missão, fruto da reflexão originada pelo auto isolamento.

O **ventre da baleia**, que marca o ponto de não-retorno, se dá em “Ele deitou-se no chão e avisou a todos os animais que o seguiam: morri!” (par. 27). Isso, pois a partir do momento que Cananxiuê se expõe aos urubus e finge estar morto, não pode mais se mexer, pois caso os urubus descobrissem sua farsa, seu plano fracassaria.

O próximo passo, a **mulher como tentação**, não desponta de modo tradicional (com a oferta de fama, riqueza ou um interesse amoroso), e é sutil no conto. Ele é simbolizado pela tentação que Cananxiuê enfrentou enquanto “as moscas vieram e andaram por cima do corpo [...]”, “Fizeram barulho perto do ouvido [...]” e “[os urubus] bicaram a barriga de Cananxiuê” (par. 28). Se ele se mexesse para espantar as moscas ou reagisse à dor das bicadas, seu plano

falharia, como explicado no ventre da baleia.

O **caminho de provas** concentra-se entre os parágrafos 28 e 54. Neles, o herói passa por uma série de desafios, sendo provado pelos urubus em relação à sua morte. Ele teve que ficar completamente imóvel para conseguir a confiança do urubu-rei, com a finalidade que este se aproximasse.

Considera-se o **encontro com a deusa** quando os animais humilham o urubu-rei, fazendo falas provocativas, nos parágrafos 33 a 36. Isso representa o passo, porque esta provocação foi útil para Cananxiuê ao pressionar Ranranresá a ceder qualquer coisa (por conseguinte, a luz) em troca de sua liberdade.

Os resultados e sucesso da missão foram dados de modo fragmentado, pelas necessidades específicas do povo. Entre o parágrafo 46 e 51, há “reprovações” em meio às provas, fazendo com que o herói continuasse a esforçar-se.

A **sintonia com o pai** acontece quando o herói “batalha” diretamente com o “inimigo”. Neste conto, o “pai” é o sol - a razão pela qual o herói partiu em sua jornada. A passagem “Quando o sol foi-se aproximando da árvore, o herói saltou sobre ele e agarrou em sua cabeleira” (par. 55) mostra esse confronto com o pai. A etapa da **apoteose** fica nas entrelinhas da narrativa, quando Cananxiuê compreende seu propósito para o sucesso verdadeiro da missão: ele deve se manter firme, agarrado ao sol infinitamente. As frases “[Cananxiuê] se agarrou na batata da perna do sol. Ali ficou firme, não largou” (par. 55) deixam isso subjacente.

A **bênção última** se dá quando o herói finalmente alcança seu objetivo derradeiro, fazendo com que o sol “ande mais devagar” pelo seu peso, finalmente satisfazendo o povo. A passagem “[...] permitindo que os Karajá realizem todos seus afazeres: caçar, pescar, coletar frutos, trançar suas redes, comer” (par. 56)

expressa a conclusão bem-sucedida da jornada.

A etapa da **recusa do retorno** é gritante no mito, porque Cananxiuê simplesmente não volta ao mundo original, visto que sua detenção no sol é o que dita o sucesso da missão. Por isso, **a fuga mágica, resgate com auxílio externo e travessia do limiar de retorno** não se manifestam no mito, pois o herói não retorna e, conseqüentemente, não é ajudado a retornar.

Finalmente, o passo de **mestre de dois mundos** desponta de modo literal, visto que Cananxiuê tem direta influência sobre as pessoas, no mundo terrestre, e sobre o sol, no mundo celestial. Ele agora equilibra a natureza. Contudo, neste mito, o herói não chega à **liberdade para viver**, por não haver retornado a sua origem. Na teoria, ele não poderia partir para uma nova aventura, pois não pode soltar-se da perna do sol. Apesar disso, ele conquista o reconhecimento e gratidão do povo Karajá em relação ao seu sacrifício pela harmonia natural: “[...] graças ao herói Cananxiuê [...]” (par. 57). Pode-se refletir que esse sacrifício também seja uma espécie de punição por haver sido preguiçoso durante a Partida.

### III O Roubo do Fogo

#### III.1 Contextualização

*O Roubo do Fogo* é um mito de origem Guarani (Munduruku). A etnia Guarani é a mais numerosa do Brasil, com cerca de 51 mil indígenas que também se localizam no Paraguai, Bolívia e Argentina (“Guarani”). Uma característica comum aos Guarani é a busca perpétua por uma “terra sem males”, onde as pessoas viveriam isentas de sofrimento (Survival).

Sobre o conto, o protagonista é Nhanderequeí, um guerreiro Apocúva<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Os Apocúva (ou Apapocuva) são uma das tribos Guarani, originários do estado de Mato Grosso

Conforme a mitologia guarani, ele é um dos filhos de Nanderuvuçu, o deus criador (Unkel, 47). Neste mito, Nhanderequeí parte em uma jornada para roubar fogo dos urubus, dado que apenas eles o controlavam. Assim como em *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?*, o herói finge estar morto para atrair os urubus, porém nesta história ele continua imóvel até que o levassem a uma fogueira. Com fogo por perto, ele convoca o resto dos animais para espantar os urubus, mas o conflito apaga quase todo o fogo. Com uma única brasa, Nhanderequeí acende uma nova chama, que gera o fogo utilizado pela humanidade até a atualidade.

### III.2 Aplicação da Jornada do Herói no Mito

A princípio, é relevante definir que o mundo ordinário é o meio em que os Guarani não sabiam acender fogo e, portanto, todos comiam alimentos crus. Adicionalmente, esta aventura de Nhanderequeí é uma nova volta ao seu ciclo do monomito, pois o guerreiro já era considerado um “grande herói”, como consta no parágrafo 4.

Iniciando o conto, **o chamado da aventura** faz-se presente em “Guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus” (par. 4). Como Nhanderequeí já era um “guerreiro respeitado”, o chamado já lhe estava subentendido. Conseqüentemente, não houve uma **recusa do chamado**, pois o herói começou a se preparar sem delongas.

A **passagem pelo primeiro limiar** se sobrepõe ao **auxílio sobrenatural**. A passagem concretiza-se quando o herói reúne todos os humanos e animais para expor seu plano e convidá-los a participar, no parágrafo 4. Isso representa esta etapa, pois é quando o herói sai do mundo ordinário. O fato de que o cururufoi para a reunião de Nhanderequeí, mesmo não sendo convidado, é um indício de que ele

será importante em algum momento ao longo da jornada. Portanto, a presença do cururu pode representar o auxílio sobrenatural.

O **ventre da baleia** se dá após o herói estar deitado e imóvel, em “Os urubus, lá do alto das árvores, observavam com desconfiança” (par. 8). Aqui, o herói encontra seu primeiro obstáculo: ganhar a confiança dos urubus em relação à sua morte. Assim como no mito dos Karajá, este momento é o ponto de não-retorno, pois Nhanderequeí apenas obterá sucesso se ele conquistar a insuspeição dos urubus.

O **caminho de provas** é explícito quando o herói se manteve imóvel por três dias sem sequer respirar direito (par. 9) e quando os urubus “[...] colocaram Nhanderequeí sobre o fogo [...]” (par. 13). Os parágrafos entre estes dois trechos, nos quais os urubus discutem se chegarão perto do herói, servem para criar tensão no leitor/ouvinte, deixando a trajetória de provas - que seria mais parada, pois o herói está literalmente imóvel - mais emocionante.

No conto, a etapa da **mulher como tentação** não aparece. Isso porque durante o caminho de provas, não é anunciada qualquer dificuldade do herói frente aos desafios impostos. O momento em que Nhanderequeí estaria mais seduzido a desviar da jornada é quando os urubus o põem para assar na fogueira, pois ele estaria em risco de vida. Entretanto, o herói não é queimado “graças a uma resina que ele passara pelo corpo” (par. 13) e, assim, não sente a tentação.

Por outro lado, a **sintonia com o pai** é marcante no conto. Este passo é desencadeado quando “Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram o máximo que puderam para apagar as brasas [...]” (par. 14). Aqui, o herói finalmente confronta os urubus pela posse do fogo. Ele encontra dúvidas e dificuldades que, se realmente se tornassem reais, iriam fazer com que sua missão

fracassasse. Um exemplo de sua frustração revela-se em “Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!” (par. 17), quando Nhanderequeí acredita que todo o fogo fora perdido.

O **encontro com a deusa** ocorre, assim como no conto dos Karajá, com a participação animal. Neste caso, a “deusa” é o cururu, que salvou uma brasa na boca em meio à batalha (par. 19). Sua reaparição neste momento é crucial para o sucesso do herói, assim como foi previsto inicialmente.

O ápice da história, na **apoteose**, é representado em “[...] tomando a brasa em suas mãos e a assoprando levemente.” (par. 20). Neste trecho, Nhanderequeí enfrenta a razão de sua jornada, o fogo. Aquela brasa é sua última esperança. O futuro do povo está, literalmente, em suas mãos. A alívio chega quando “[...] finalmente, as chamas apareceram no meio da palha e do carvão que sustentaram o fogo aceso para sempre” (par. 27). Seu sucesso em acender o fogo simboliza a **bênção última**.

A seguir, há uma **recusa do retorno** “relativa”, posto que inicialmente todos os animais, aves e humanos queriam usufruir do fogo. Porém, quando a missão é completada, os animais e aves percebem que não gostam do fogo, e logo retornam ao ordinário original, em que não o utilizavam. Em compensação, os humanos recusam o retorno sem o fogo (par. 26). Esta não é uma recusa do retorno tradicional, pois o herói não resiste em voltar ao seu meio ordinário, provavelmente porque ele já está acostumado ao seu ciclo heroico.

Os passos da **fuga mágica** e o **resgate com auxílio externo** ocorrem juntamente, pois Nhanderequeí pede aos seus parentes que carreguem as chamas (auxílio externo) para a volta vitoriosa com o objeto de busca da jornada (fuga mágica). O parágrafo 28, quando o herói ensina aos parentes como manter as

chamas acesas, expõe esses dois passos.

No conto, a **passagem pelo limiar do retorno** não aparece de modo explícito, pois não é expresso que Nhanderequeí retorna a sua origem familiar. Já a etapa do **senhor de dois mundos**, sim: “o corajoso herói ensinou os Apopocúva [...]” (par. 29). Este trecho simboliza a etapa, pois a partir do conhecimento adquirido, Nhanderequeí tem o poder de ensinar o povo a cuidar do fogo, também sendo caracterizado como "corajoso", o que significa que seu esforço é reconhecido e apreciado.

Diferentemente de *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?*, neste conto há a **liberdade para viver**. Isso aparece em “[...] conservar o fogo para sempre” (par.28), porque Nhanderequeí finaliza sua jornada com sucesso e está livre da responsabilidade de cuidar do fogo, visto que outros indivíduos podem fazer isso.

Por fim, no parágrafo 30, fica claro que esta lenda tem função de explicar como o fogo passou a ser controlado por humanos e do porquê apenas nossa espécie o utiliza. O último parágrafo também mostra que, como no mito Karajá, as referências do conhecimento sobre origens mitológicas são os anciões.

#### **IV Conclusão e considerações finais**

Por meio desta monografia, busquei responder à pergunta “De que forma os mitos indígenas brasileiros *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* e *O Roubo do Fogo* podem ser analisados sob a ótica da teoria do monomito?”. A análise dos contos selecionados em relação ao monomito comprova a universalidade do arquétipo heroico, aplicando-se também à mitologia brasileira. Isso destaca a ideia de que a jornada do herói transcende fronteiras culturais e geográficas (Campbell).

Além da presença do arquétipo, os contos apresentam certos elementos em

comum. Primeiramente, ambos têm como protagonistas heróis que, antes da aventura narrada, já eram reconhecidos como heróis e, logo, isso implica que o ciclo do monomito havia sido completado previamente. Em adição, os guardiões dos elementos naturais - como o Sol e o fogo - são os urubus. Para as duas etnias, o urubu é símbolo da conexão entre o mundo físico e espiritual (Carujo). Há também o simbolismo comum do animal como “deusa”, no passo do encontro com a deusa, o que tange à relação de respeito e beneficência entre os indígenas e a natureza (Medeiros e Garay, 167). Além disso, ambas narrações remetem aos mais velhos como sábios e portadores do conhecimento.

Todavia, há consideráveis variações culturais entre cada etnia brasileira. Os Karajá e Guarani têm filosofias e crenças diversas, pelas suas localizações e culturas divergentes. Essas diferenças se manifestam nos mitos analisados ao encontrar as representações distintas de cada etapa do monomito. Um exemplo de um passo contrastante é a liberdade para viver, que é apresentado em *O Roubo do Fogo* com o herói tendo um sucesso pontual e definitivo, que o livra da responsabilidade de continuar cuidando do objeto da busca, o que não acontece em *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?*, no qual o herói tem um sucesso que dependerá dele eternamente.

Outrossim, é importante considerar que a teoria do monomito foi concebida antes da transcrição dos contos. Portanto, é possível ter ocorrido uma “padronização” no percurso heroico desses mitos durante a escrita, para adequá-los ao público infanto-juvenil e torná-los mais “aceitos” na literatura brasileira contemporânea. Ademais, a teoria de Campbell sobre o monomito é criticada por certos estudiosos, que caracterizam o conceito como uma abordagem enviesada na seleção das fontes (Gottschall), além de que a aplicação da jornada do herói clássica à história

de um herói não-masculino, ou seja, uma heroína, sofre desvios e é aplicável a outro padrão, a “jornada da heroína” (Murdock).

Reconhece-se que a presente tentativa de fazer a aplicação da teoria de Campbell nos contos selecionados pode ter falhas, pois mesmo com pesquisa e considerações cuidadosas, podem haver erros de interpretação. Não obstante, seria interessante se aprofundar em outros mitos, nesta linha de pesquisa, paradar o destaque merecido à literatura indígena no Brasil.

Em suma, os mitos indígenas brasileiros *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?* e *O Roubo do Fogo* podem ser analisados sob a ótica da teoria do monomito de modo íntegro. Ao estudar contos do Brasil utilizando uma teoria estrangeira, que se aplica universalmente, percebe-se a riqueza da cultura indígena e igualdade em relação às outras mitologias, por mais distantes que se situem.

## V Referências bibliográficas

Andrade, Camila Constantino Alves. *A Proposta “Filosofia E Cuidado de Si: Uma Jornada de Herói” Como Caminho Para Elaboração de Um Projeto de Vida Pessoal Profissional*. São Paulo, Repositório PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 29 Set. 2017, [repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27359](http://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27359). Acesso em 23 Nov. 2022.

Cambridge Dictionary. “MYTH | English Meaning - Cambridge Dictionary.” *Cambridge.org*, Cambridge University Press, 2019, [dictionary.cambridge.org/dictionary/english/myth](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/myth). Acesso em 2 Ago. 2022.

Campbell, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. 1949. 3a ed., Novato, Califórnia, New World Library, Ago. 2008.

Carujo, Carlos Araujo. *Pássaros Encantados*. 1a ed., Brasil, Clube de Autores, 23Dez. 2021.

Dicio. “Apapocuva.” *Dicio, Dicionário Online de Português*, [www.dicio.com.br/apapocuva/](http://www.dicio.com.br/apapocuva/). Acesso em 29 Jan. 2023.

Funai. “Brasil Registra 274 Línguas Indígenas Diferentes Faladas Por 305 Etnias” *Fundação Nacional Dos Povos Indígenas*, Ministério dos Povos Indígenas, 27 Out. 2022, [www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-](http://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-)



*Instrumento Didático-Pedagógico E de Valorização Dos Conhecimentos Dos Povos Indígenas*. Universidade Federal do Tocantins, 15 Dez. 2020, hdl.handle.net/11612/2304. Acesso em 19 Set. 2022.

Sartel, Marcelo. "Conto: O Que é, Características, Tipos, Exemplo." *Português*, [www.portugues.com.br/literatura/o-conto-suas-demarcacoes-.html#:~:text=O%20conto%20%C3%A9%20um%20g%C3%AAnero](http://www.portugues.com.br/literatura/o-conto-suas-demarcacoes-.html#:~:text=O%20conto%20%C3%A9%20um%20g%C3%AAnero). Acesso em 30 Out. 2022.

Survival. "Guarani." *Www.survivalbrasil.org*, Survival, [www.survivalbrasil.org/povos/guarani](http://www.survivalbrasil.org/povos/guarani). Acesso em 6 Dez. 2022.

Unkel, Curt Nimuendaju. "As Lendas Da Criação E Destruição Do Mundo Como Fundamentos Da Religião Dos Apapocúva-Guarani." *Etnolinguistica.org*, Editora da Universidade de São Paulo, 1987, [etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1987-apapocuva/Nimuendaju\\_1987\\_LendasApapocuvaGuarani.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1987-apapocuva/Nimuendaju_1987_LendasApapocuvaGuarani.pdf). Acesso em 6 Dez. 2022.

Walter, Robert. "About Joseph Campbell." *Joseph Campbell Foundation*, 26 Fev. 2004, [jcf.org/about-joseph-campbell/](http://jcf.org/about-joseph-campbell/). Acesso em 9 Ago. 2022.

## VI Apêndice

A. Cópia de *Por Que o Sol Anda Tão Devagar?*, do livro *Contos Indígenas*

*Brasileiros* de Daniel Munduruku.

Por que o sol anda tão devagar?  
Povo Karajá (Mito Karajá)

Contam os velhos sábios Karajá que, no início dos tempos, a Terra era um lugar muito escuro, muito frio. Isso acontecia porque não havia sol, lua ou estrelas para trazer claridade. Por causa disso, os Karajá precisavam manter um pequeno braseiro aceso dentro de casa. Mas isso era muito trabalhoso, pois exigia que os homens saíssem para a mata atrás de lenha. Como tudo era escuro e frio, todo mundo sentia uma grande indisposição para ir até lá. Aliada à preguiça que sentiam, havia também o fato de sentirem muito medo de permanecerem fora de sua hetó, pois os perigos eram muitos e grandes.

Nesta época, dizem os velhos, a preguiça tomava conta de todo mundo, mesmo de um grande herói do povo Karajá. Este herói, de nome Cananxiuê, morava na casa do pai de sua esposa, como é o costume desse povo. Por isso, sempre ouvia o velho homem lhe dizer:

– Oh, meu genro. Você precisa arranjar luz para todos nós. Você é um herói e como herói você tem que resolver este problema que fará muito bem para os Karajá.

– Tá bom meu sogro, um dia eu vou!

Mas o herói não queria nem saber de levantar-se de sua rede. Como todos os homens do lugar, preferia ficar ali a enfrentar a noite escura e fria da mata. Nem lenha ele queria ir buscar, deixando a tarefa para sua esposa.

Um dia, o velho sogro, já enfezado com Cananxiuê, foi ele mesmo buscar lenhãna mata. Como já estava com idade avançada e não podendo mais enxergar direito, acabou

caindo e se machucando todo. Lá do mato, socorrido por outras pessoas, o homem velho berrou com o genro:

– Ô Cananxiuê, já não aguento mais esta vida. Você tem que dar um jeito nisso! Ao menos venha buscar lenha para manter o fogo aceso.

Não adiantou nada. O herói preguiçoso continuou deitado, cheio de indisposição para sair e resolver o problema.

Foi, então, que os animais se uniram ao sogro e passaram a dizer ao jovem herói:

– Cananxiuê parece mulher. Fica o dia todo deitado na rede sem nada fazer. Vai buscar a luz para nós, homem. Cumpra sua obrigação de herói.

Sua mulher entrou no coro dos descontentes e começou a cobrar-lhe também:

– Cananxiuê, você é meu marido. Você tem que cuidar de mim. Vá cumprir a promessa que fez a meu pai de trazer-nos luz e calor.

Irritado com tanta gente pegando no seu pé, Cananxiuê decidiu sair pelo mundo à procura da luz do sol. Como estava irritado, decidiu que iria sozinho e nada levaria consigo.

Vendo que o herói nada levava, todo mundo na aldeia ficou desconfiado. Todos achavam que, andando desse jeito, sem levar arma alguma, aquele moço não conseguiria trazer o sol consigo.

Até os animais da floresta começaram a dizer a Cananxiuê:

– Como um homem sozinho pode querer vencer Theuú e trazê-lo para nós? O sol é grande e forte e mãos vazias não irão aguentá-lo.

– Randô é esperta e cheia de fases. Como poderá vencê-la?

– Tahiná é valente e ligeira. Ela pisca e se esconde. Como irá encontrá-la?

– Sem arco e flecha, sem lança ou tacape, sem corda ou laço, ele não vencerá sequer um punhado de moscas. Como poderá vencer o sol, a lua e as estrelas?

Cananxiuê nada respondia. Continuava quieto apenas fazendo planos em seu pensamento:

– Se não posso flechar o sol, laçar a lua, amarrar as estrelas, para que usar armas? A minha arma tem que ser a esperteza.

E assim continuou sua jornada por um longo tempo. Pelo caminho, ia perguntando para todos que encontrava qual seria o paradeiro do sol, da lua e das estrelas. Ninguém sabia direito e davam informações muito diferentes. Até que num dia encontrou alguém que sabia onde eles viviam.

– O sol, a lua e as estrelas estão lá em cima. Eles estão muito bem guardados pelo Ranranresá, o urubu-rei.

– Então, se é o urubu-rei que é dono do sol, da lua e das estrelas, é ele que tenho que vencer!

E assim foi, dizem os velhos Karajá.

Cananxiuê bolou um plano para vencer Ranranresá. Ao chegar num lugar bonito, onde havia uma praia de rio, lugar largo e que desse chance para uma fuga, resolveu que ali seria o espaço ideal para travar sua batalha com o urubu-rei.

Ele deitou-se no chão e avisou a todos os animais que o seguiam: morri!

Para testar se ele estava mesmo morto, as moscas vieram e andaram por cima do corpo estendido no chão. Fizeram barulho perto do ouvido do herói morto e não conseguiram que ele movesse um único músculo. Disseram então:

– Ele está morto. Ele morreu mesmo.

Em seguida veio um grupo de urubus e voaram em círculo sobre o cadáver.

Desconfiados, não quiseram arriscar descer onde ele estava. Tempos depois, alguns vieram e bicaram a barriga de Cananxiuê, mas ele não se mexeu. Então, disseram entresi:

– Está morto mesmo. Podem avisar o rei.

Ranranresá sobrevoou o herói. Estava desconfiado, mas, acreditando nas palavras de seus conselheiros, pousou bem no peito do cadáver que, rápido como um raio, agarrou as pernas do urubu-rei e tornou-o seu prisioneiro.

Ao notar que o herói havia conseguido aprisionar o dono do sol, os animais começaram a caçar do pássaro:

- Este urubu não é de nada. Deixou aprisionar-se de forma tão infantil.
- Não pode ser rei alguém que se torna presa de um Karajá!
- Como pode ser dono do sol, da lua e das estrelas, alguém tão fácil de agarrar?

Os animais sabiam que agindo daquela forma iriam provocar a ira do urubu-rei que acabariam conseguindo dele o que queriam.

Passado algum tempo, e já não mais aguentando tamanha gozação, Ranranresá chamou Cananxiuê e lhe propôs satisfazer qualquer vontade do moço por sua liberdade.

- Liberte-me e eu lhe darei o que pedir.
- Irá me dar qualquer coisa?
- Tudo o que quiser, desde que me liberte.
- Você me dá sua palavra de urubu-rei?
- Dou minha palavra.

O herói libertou o urubu-rei, que imediatamente tomou o rumo do céu. Aliviado por estar livre das correntes, a ave voltou ao jovem:

- O que você quer em troca de minha liberdade?
- Quero a luz das estrelas!

Urubu sumiu. Voltou em seguida trazendo apenas a luz das estrelas consigo. Isto, no entanto, não agradou a todos. Diziam que era uma luz muito fraca e de nada servia.

- Quero que nos traga a luz da lua!

Urubu-rei partiu e regressou trazendo apenas a luz da lua. Era uma luz fria, sem vida e todos reclamaram novamente.

- Quero Theuú, o sol. Somente ele tem a luz e o calor de que os Karajá precisam.

Urubu-rei foi e voltou com o sol. O sol chegou forte, brilhante e quase queimou tudo onde passava. Mas como o urubu-rei estava muito chateado com os Karajá, pediu ao sol que andasse rápido, tão rápido que nem desse tempo das pessoas aproveitarem dele. E assim aconteceu. O sol passou tão rápido que o dia foi muito curto. E mais uma vez todos se chatearam, indo reclamar com Cananxiuê.

O herói falou ao Ranranresá para que pedisse ao sol que andasse mais lentamente para que os Karajá pudessem aproveitá-lo melhor. Acontece que a ave já estava tão chateada que disse que iria embora e que o próprio herói falasse com o sol.

- Mas como isso era possível, se o sol sempre passava em grande velocidade?

A aldeia foi para cima do herói, reclamando da velocidade do sol. Para que serviria um sol que caminha tão rápido?

Cananxiuê foi, então, para o topo de uma grande palmeira. Ficou ali aguardando. Quando o sol foi-se aproximando da árvore, o herói saltou sobre ele e agarrou em sua cabeleira. Como estivesse muito quente, escorregou e foi parar em seu pescoço; como ainda estivesse muito quente escorregou e foi parar em sua barriga; ali também estava quente e acabou escorregando para sua cintura; também ali o calor era insuportável, até que se agarrou na batata da perna do sol. Ali ficou firme, não largou.

A firmeza com que segurou o sol era tanta, que isso obrigou Theuú a diminuir a velocidade de sua passagem sobre a Terra permitindo que os Karajá realizem todos seus afazeres: caçar, pescar, coletar frutos, trançar suas redes, comer... Sem necessidade de correr com medo de o dia acabar logo.

E quando o sol vai embora e a humanidade fica entregue à noite, os Karajá têm a alegria de contar com a luz de Randô, que os alimenta com seu brilho. E mesmo nas noites mais escuras, todos podem contar com as piscadelas de Tahiná para lembrá-los que o dia nascerá de novo, graças ao herói Cananxiuê, que continua agarrado na batata da perna do sol.

B. Cópia de *O Roubo do Fogo*, do livro *Contos Indígenas Brasileiros*, de Daniel

Munduruku.

O roubo do fogo  
Povo Guarani (Mito Guarani)

Em tempos antigos os Guarani não sabiam acender fogo. Na verdade eles apenas sabiam que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus.

O fogo estava com estas aves porque foram elas que primeiro descobriram um jeito de se apossar das brasas da grande fogueira do sol. Numa ocasião, quando o sol estava bem fraquinho e o dia não estava muito claro, os urubus foram até lá e retiraram algumas brasas as quais tomavam conta com muito cuidado e zelo. Era por isso que somente estas aves comiam seu alimento assado ou cozido e nenhum outro ser da floresta tinha este privilégio.

É claro que todos os urubus tomavam conta das brasas como se fosse um tesouro precioso e não permitiam que ninguém delas se aproximasse. Os homens e os outros animais viviam irritados com isso. Todos queriam roubar o fogo dos urubus, masninguém se atrevia a desafiá-los.

Um dia, o grande herói Apopocúva retornou de uma longa viagem que fizera. Seu nome era Nhanderequeí. Guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus. Reuniu todos os animais, aves e homens da floresta e contou plano que tinha para enfrentar os temidos urubus, guardiões do fogo. Até mesmo o pequeno cururu, que não fora convidado, compareceu dizendo que também ele tinha muito interesse no fogo. Todos já reunidos, Nhanderequeí expôs seu plano:

– Todos vocês sabem que os urubus usam fogo para cozinhar. Eles não sabem comer alimento cru. Por isso vou me fingir de morto bem debaixo do ninho deles. Todos vocês devem ficar escondidos e quando eu der uma ordem, avancem para cima deles e os espantem daqui. Dessa forma, poderemos pegar o fogo para nós.

Todos concordaram e procuraram um lugar para se esconder. Não sabiam por quanto tempo iriam esperar. Nhanderequeí deitou-se. Permaneceu imóvel por um dia inteiro.

Os urubus, lá do alto das árvores, observavam com desconfiança. Será que aquele homem estava morto mesmo ou estava apenas querendo enganá-los? Por via das dúvidas preferiram aguardar mais um pouco.

O herói permaneceu o segundo dia do mesmo jeito. Sequer respirava direito para não criar desconfianças nos urubus que continuavam rodeando seu corpo. Foi no fim do terceiro dia, no entanto, que as aves baixaram as guardas. Ficavam imaginando que não era possível uma pessoa fingir-se de morta por tanto tempo. Ficavam confabulando entre si:

– Olhem, meus parentes urubus - dizia o chefe urubu - nenhum homem pode fingir-se de morto assim. Já decidi: vamos comê-lo. Podem trazer as brasas para fazermos a fogueira.

Um grande alarido se ouviu. Os urubus aprovavam a decisão de seu chefe, e por isso imediatamente partiram para buscar as brasas. Trouxeram e acenderam uma fogueira bonita e vistosa.

O chefe dos urubus ordenou, então, que trouxessem a comida para ser assada. Um verdadeiro batalhão foi até a presa e a trouxe em seus bicos e garras. Eles acharam o corpo do herói um pouco pesado, mas isso consideraram até muito bom, assim dariam para todos os urubus.

Eles colocaram Nhanderequeí sobre o fogo, mas graças a uma resina que ele passara pelo corpo, o fogo não o queimava. Num certo momento, o herói se levantou do meio das brasas dando um grande susto nos urubus que, atônitos, voaram todos. Nhanderequeí aproveitou-se da surpresa e gritou a todos os amigos que estavam escondidos para que atacassem os urubus e salvassem alguma daquelas brasas ardentes.

Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram o máximo que

puderam para apagar as brasas, engoli-las e não permitirem que aqueles seres tomassem posse delas. Foi uma correria geral. Acontece, no entanto, que na pressa desalvar o fogo, quase todas as brasas se apagaram por terem sido pisoteadas.

Quando tudo se acalmou, Nhanderequeí chamou a todos e perguntou quantas brasas haviam conseguido. Uns olhavam para outros na tentativa de saber quem havia salvado alguma brasinha, mas qual não foi a tristeza geral ao se depararem com a realidade: ninguém havia salvado uma pedrinha sequer.

– Só temos carvão e cinzas - disse alguém no meio da multidão.

– E para que nos há de servir isso? - falou Nhanderequeí. - Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!

Acontece que, por trás de todos, saiu o pequeno cururu, dizendo:

– Durante a luta os urubus se preocuparam apenas com os animais grandes e não notaram que eu peguei uma brasinha e coloquei em minha boca. Espero que ainda esteja acesa. Mas pode ser que...

– Depressa. Pare de falar, meu caro cururu. Não podemos perder tempo. Dê-me esta brasa imediatamente - disse Nhanderequeí, tomando a brasa em suas mãos e a assoprando levemente.

Todos os animais ficaram atentos às ações do herói que tratava com muito cuidado aquele pequeno luzeiro. Pegou-o na mão e colocou um pouquinho de palha e o assoprou novamente. Com isso ele conseguiu um pequeno riozinho de fumaça. Isso foi o bastante para incomodar os animais, que logo disseram:

– Se o fogo sempre faz fumaça, não será bom para nós. Nós não suportamos fumaça.

Dizendo isso, os bichos foram embora, deixando o fogo com os homens e com as aves.

Nhanderequeí soprou de novo. Ele o fazia com todo cuidado, com todo jeito. Logo em seguida à fumaça, aconteceu um cheiro de queimado. Isso foi o bastante para que as aves se incomodassem e dissessem:

– Nós não gostamos desse cheiro que sai do fogo. Isso não é bom para as aves. Fiquem vocês com este fogo.

Dizendo isso, bateram as asas e se foram deixando apenas os homens tomando conta do fogo.

Enquanto isso, Nhanderequeí soprou ainda mais forte e, finalmente, as chamas apareceram no meio da palha e do carvão que sustentaram o fogo aceso para sempre. Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem as madeiras canelinha, criciúma, cacho-de-coqueiro cipó-de-sapo e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo. Além disso, o corajoso herói ensinou os Apopocúva a fazer um pilãozinho onde guardar as brasas e assim conservar o fogo para sempre.

Dizem os velhos desse povo que até os dias de hoje os Apopocúva guardam o pilãozinho e aquelas madeiras.